

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE LIBRAS E A DESCRIÇÃO DO SÉCULO XIX E XXI

Magno Pinheiro de Almeida (UEMS)

mpa_magno@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo explicará a historiografia de libras e as ocorrências entre o século XIX e o século XXI. A educação dos surdos tem relação com os fundamentos filosóficos, históricos e sociológicos, que focam o princípio da contextualização (KOERNER, 1996). Serão mostrados os aspectos cultural e legal da libras, ou seja, história cultural, identidade surda, legislação, libras – língua brasileira de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2 para os surdos. Buscar quais foram os impactos envolvendo a libras e a história da época. Resgatar a descrição da libras do século XIX retirado do *Dicionário de Iconographia de Signaes*, de Flausino José da Gama, ao século XXI do *Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais*, através dos marcadores manuais (configuração de mãos, ponto de articulação e movimento). Os teóricos abordados são Almeida & Almeida (2012); Almeida (2012); Campello (2011); Bastos & Palmas (2004) e Quadros (2004).

Palavras-chave: Historiografia linguística. Libras. L1. L2.

1. Considerações iniciais

O objetivo desse trabalho é traçar o processo da historiografia linguística bem como a sua aplicabilidade na língua brasileira de sinais, perpassando pela história da libras e sua adequação com a libras do século XIX ao século XXI, descrever a aproximação e o distanciamento ao longo do tempo da língua brasileira de sinais. Para o presente trabalho foi aplicado o princípio da contextualização e o princípio da imanência e da adequação de Koerner (1996).

2. Historiografia linguística

Nesta unidade será desenvolvida à historiografia linguística. Assim, entender a aplicabilidade na historiografia na libras abordará uma breve visão da historiografia da língua portuguesa e tem como principais autores Koerner (1996) e Bastos (2004). Inicia-se essa unidade com uma breve explicação da historiografia linguística para entender como foi feita a historiografia linguística da libras. A historiografia teve como berço o continente europeu, mais precisamente a França, juntamente com a his-

tória, e passou por um grande “processo de adaptação” nas narrativas dos fatos ou acontecimentos históricos.

Nesta visão temos o conceito de Bastos e Palmas (2004):

O nascimento de historiografia deu-se na França. Estreitamente vinculada à história, que é uma ciência, a historiografia passou por uma adaptação aos paradigmas que nortearam os estudos históricos. Ora, se a história resumia-se à narrativa oral dos acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los, desde os tempos de Heródoto[...] (BASTOS; PALMAS, 2004, p. 15)

Principalmente o que era considerado ciência objetivava as ações realizadas pelo homem, ou seja, o que era relatado eram os fatos praticados pelas ações humanas. Os principais temas abordados na historiografia linguística são os decorrentes das narrativas dos grandes heróis.

Com o passar do tempo, houve a necessidade da ruptura desse “paradigma” no campo historiográfico. Neste sentido, os argumentos de Odália *apud* BURKE (1989, p. 7) – (...) impõe-se a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e instrumentos que permitiram ao historiador ampliar sua visão de homem.

Sob essa concepção da historiografia linguística, as pesquisadoras da historiografia linguística da língua portuguesa Bastos e Vesaro afirmam:

É de grande importância que a “Escola Annales”, a qual pertenciam os dois historiadores supracitados foi, na verdade, a responsável pelo estabelecimento desse novo paradigma. Vem do século XVIII essa busca por uma nova abordagem da ciência histórica, em não só se encontra nos se concentrar nos acontecimentos políticos, mas também, nos sociais nos psicológicos e até mesmo nos linguísticos. [...] (BASTOS; VESARO, 2004, p. 16)

Este movimento que surgiu por meio dos idealizadores Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da *Revista Annales*, trouxeram, sem dúvida, um novo conceito de historiografia, fazendo uma ruptura e o surgimento de um novo paradigma. Mudaram o foco da história que só admirava os grandes heróis e os grandes feitos, ou ainda, esclareceu-nos, segundo essas pesquisadoras:

Essa mudança de paradigma caracterizou-se como a “revolução francesa da historiografia”, uma vez que impôs uma visão de registro histórico. Do grupo que defendia essa abordagem “holística” de história, fazia parte também o linguística Antoine Meillet que, aluno de Saussure, em Paris, e depois seu amigo pessoal em Genebra, tinha um interesse particular nos aspectos sociais da língua, principalmente como instituição social, destituindo-a do caráter meramente sistemático apresentado na obra de saussuriana compilada pelos discípulos da linguística no início do século XX. Esse esboço de um novo con-

ceito de língua instaura-se como reflexo dessa na perspectiva histórica. (BASTOS; PALMA, 2004, p. 16)

Dessa forma, estes colaboradores desta nova concepção defenderam uma história que não se preocupavam com os grandes feitos, mas com os acontecimentos que se aproximavam do povo.

Koerner (1996, p. 56-57) afirma que de fato, em última análise, os historiadores da ciência linguística terão de desenvolver seu próprio quadro de trabalho, tanto o metodológico, quanto o filosófico. Para isto, um conhecimento metucioso de teoria e da prática em outros campos revelam-se verdadeiramente muito úteis, mesmo se o resultado for negativo, isto é, se o historiador da linguística descobrir que este ou aquele campo de investigação histórica tem de fato pouco a oferecer em matéria de método historiográfico.

Enfim, por mais que ainda haja um método historiográfico definido, a tarefa do historiador é de ultrapassar seus próprios limites para a história da linguística. Ainda afirmam De Clerq & Swiggers (1991) que ao historiador cabe à tarefa de transcender as histórias da linguística, para escrever uma história da linguística baseada na prática, nas reflexões e nas situações linguísticas. Seguindo esse pressuposto surge a ideia de trabalhar no próximo tópico a historiografia da libras, baseado nos princípios da historiografia linguística.

3. Princípios da historiografia linguística aplicadas à historiografia da libras e uma breve visão da historiografia da língua portuguesa

Na concepção de Santos (2009, p. 18), a língua brasileira de sinais é uma forma de comunicação natural das comunidades surdas. Ela não é simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a expressão. É uma língua com estrutura gramatical própria, já que possui níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Na busca de mais subsídios sobre a libras focou-se a pesquisa de Pereira (2008), pois, segundo a mesma:

A língua de sinais é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como meio de comunicação movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Portanto, ela é diferenciada da língua portuguesa de ouvintes que é uma língua oral-auditiva, porque na língua portuguesa utilizamos sons que são emitidos pela voz, que para um surdo é impossível de se perceber. Nas *Orientações Curriculares*, a língua brasileira de sinais tem,

para as pessoas surdas, a mesma função que a língua portuguesa na modalidade oral tem para as ouvintes e é ela, portanto, que vai possibilitar às crianças surdas atingirem os objetivos propostos pela escola, incluindo o aprendizado da língua portuguesa na modalidade escrita. (PEREIRA, 2008, p. 22)

O princípio da historiografia linguística está ligado à concepção de historiografia, que surgiu na França e é estreitamente ligada a história, a qual, por sua vez, é uma ciência. Então, se a história é voltada para narrativa oral dos acontecimentos, a historiografia tem a função de registrar por escrito os acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los. Com as línguas de sinais e da libras no Brasil, na visão da historiografia, tendo em vista que cada país possui sua própria língua de sinais cujo objetivo era produzir um novo tipo de conceito historiográfico, segundo Koerner (1996, p. 45), quando diz da necessidade de entendermos a historiografia linguística como “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios científicos” e não mais como antes se faziam, apenas registravam a história como pesquisa linguística.

Koerner (1996) ainda esclarece que não devemos mais verificar a história meramente como registro, e, sim, como um novo olhar, ou seja, resgatar também a história linguística. A historiografia explica as razões da mudança de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar, pois sua prática requer, ainda, capacidade de síntese para poder retirar dos fatos empíricos coligidos a partir de fontes primárias o que for essencial, trazendo essas descobertas empíricas para a perspectiva correta para interpretá-las e oferecer uma explicação adequada dos fatos.

Neste sentido afirma Koerner (1996) que:

Esta tendência penetrou no escrever a história da linguística, ainda que seja de se esperar que um historiador encontre mais exemplos de evolução e continuidade de que de revolução e descontinuidade de ideias através dos séculos, portanto por mudanças de ênfase, incluindo movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo de fatores extralinguísticos, tais como avanços em tecnologia, mas também acontecimentos sócio-políticos. (KOERNER, 1996, p. 62)

Para fazer a historiografia linguística da libras, faz-se necessário levar em consideração todos os aspectos das mudanças ocorridas no processo histórico interno da língua. Portanto, os sinais mudaram, ou seja, foram criados parâmetros – configuração de mão, ponto de articulação e movimento para ter referências do que irá sinalizar e toda essa mudança devemos ao processo histórico, desde o Congresso de Milão de 1880 até

que a língua de sinais fossem aceita e reconhecida como língua oficial de um determinado país.

Com essa visão, Nascimento (2005) afirma que:

Decorre disso que as mudanças na língua estão correlacionadas às que correm no contexto sócio-histórico e isso demanda que consideremos, na abordagem historiográfica, seu caráter individual e social. Ora, as mudanças linguísticas se expressam em fatos reais. Acontece, por conta disso, que os usuários da língua manifestam todos os seus sentimentos linguisticamente. Em geral, não objetivam alterar a língua, mas colocá-la em uso efetivo; razão por que a língua muda no uso, o que a leva à inovação e à mudança. (NASCI-MENTO, 2005, p. 4a)

Cada país tem a sua própria língua gestual. Aqui no Brasil, temos a língua brasileira de sinais – a “libras”. Essa língua vem para apoiar a perspectiva da implementação da educação especial, focada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Koerner (1996, p. 46) afirma que, “A história da linguística, campo de estudo que trata da descrição do desenvolvimento da ciência da linguagem desde o início até os desenvolvimentos atuais obteve, ao que parece, fama merecida em anos recentes”.

Assim como afirma Bastos (2004):

Assim, a historiografia não pode ser vista como uma simples "crônica", ou seja, listas de datas, nomes, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem. A atividade historiográfica requer seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes para o quadro de reflexão que o historiógrafo constrói. [...] (BASTOS, 2004, p. 6)

Levando em consideração a afirmação de Bastos (2004) surge a ideia de que a língua de sinais não é somente mímica e gestos soltos utilizados por surdos são de aquisição visual e produção espacial e motora, ou seja, é língua com estrutura gramatical própria. Ela é natural e tão complexa quanto as línguas orais, dispondo de recursos expressivos suficientes para permitir a seus usuários se comunicarem sobre qualquer assunto e serem críticos quando necessário.

Ainda nessa concepção, Silva Neto (1952) ressalta:

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e ali. O acúmulo e a integral realização delas dependem de condições sociológicas, pois, como sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou lentidão das mudanças. (SILVA NETO, 1952, p. 13)

Entendemos que para o processo da evolução histórica o tempo e o espaço são de suma importância e através desse conceito definiremos

alguns aspectos importantes, tais como, na educação das pessoas surdas, a primeira língua deve ser a libras, pois a língua de sinais é reconhecida como um caminho efetivo nas condições de ensino, já que é um meio de interação onde as pessoas se comunicam. Dessa forma, a escola não pode ignorar essa língua nos processos de ensino e aprendizagem dos surdos. E como nosso objetivo é analisar a relação entre a historiografia linguística com a historiografia na libras, citamos o conceito de Koerner (1996):

Nesta perspectiva, a historiografia linguística nasce com o propósito de inserir a língua no universo humano, não para isolar, mas para situá-la neste universo, para integrar e fazer convergir para ela os elementos que a envolvem. Nessa perspectiva, o fato de a linguística e a história não serem regidas por leis, não serem deterministas, contribui eficazmente para que historiografia linguística se consolide com base no diálogo e nas inter-relações, adquirindo cientificidade em torno dessas particularidades. (KOERNER, 1996, p. 4)

Desse modo, ressaltamos que a língua brasileira de sinais difere da língua portuguesa, ou seja, a libras é visual-espacial e a língua portuguesa é oral-auditiva. A língua de sinais é baseada nas interações culturais surdas, não é alfabética, portanto atribui-se às línguas de sinais a condição de língua, porque, elas também são compostas pelos níveis linguísticos: o fonológico, morfológico, sintático e o semântico que utilizam as referências anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço que excluem ambiguidades, possíveis na língua portuguesa. Também não existe marcação de gêneros e em atribuir um valor gramatical às expressões faciais. Ainda focaremos neste trabalho cada tópico mencionado.

Segundo Koerner (1996, p. 6), é possível fazer um recorte no processo de mudança que sofre a língua, a fim de apreendê-la no tempo em sucessivos espaços de tempo nos quais mudanças e regularidades são perceptíveis. Isto quer dizer que, a cada momento, a língua se manifesta uma atualidade no mesmo instante em que se revela como um produto da história.

Nogueira (2005) afirma em relação à língua portuguesa:

Com efeito, verificou-se ser a função do ensino da língua portuguesa, fundamentalmente, levar ao conhecimento, ou ao reconhecimento, das normas e regras de funcionamento desse dialeto de prestígio. Desta maneira, o ensino da gramática, enfatizado como respeito da língua, além do contato com textos literários, era utilizado para o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, assim o ensino do português restringia-se à alfabetização. Após este acesso a uma escolarização mais prolongada, os alunos passavam diretamente à aprendizagem da gramática da língua latina, da retórica e da poética. Acrescente-se, ainda, que a denominação de disciplina escolar “português” ou “língua portuguesa” só passou a existir nas últimas décadas do século XIX, em

virtude da língua ter sido estudada na escola sob a forma das disciplinas gramática, retórica e poética. Mesmo assim, a disciplina “português” continuou sendo, basicamente, o estudo da gramática da língua e leitura, para compreensão e imitação de autores portugueses e brasileiros. (NOGUEIRA, 2005, p. 8)

Portanto, a língua portuguesa é oral-auditiva, é baseada nos sons; usa uma sintaxe linear utilizando a descrição para captar o uso de classificadores; evita a utilização de estrutura tópico-comentário e possui marcação de gênero.

4. Descrição da libras do século XIX e XXI

A libras sofreu influência da língua de sinais da França, mas ressalta-se que cada país tem hoje sua própria língua. Antes da implantação do uso de libras, a escola adotava meios que tentavam restaurar a audição, com salas especializadas, os alunos usavam aparelhos auditivos, professores falavam cada vez mais alto na perspectiva de seus alunos entenderem o conteúdo daquela forma.

De acordo com Mazzota (1989, p. 43-44), a interação mediante a comunicação, a assimilação, pela participação ativa e reconhecida do excepcional como elemento do grupo de crianças “normais” e, finalmente, a aceitação, refletida na aprovação da criança excepcional como elemento participante e aceito no grupo, mediante relações regulares e espontâneas que fazem com que o excepcional seja incluído naturalmente no seu grupo.

A luta dos surdos é longa, porém a legislação em relação a sua língua é recente. Para que a língua brasileira de sinais – a libras tenha maior perceptividade dentro de uma sociedade de ouvintes, é necessário expandir os movimentos surdos, assim como difundir sua cultura e língua. Cabral (2002, p. 25) afirma, que “O acesso a sua própria língua é que permite ao surdo a liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar sua cultura”.

Nesse mesmo sentido, a autora Perlin (2004), afirma que o surdo é reconhecido através do uso da sua língua própria, ou seja, sua língua materna, mas nada impede de usar a língua portuguesa na forma oral: “[...] que não se trata de ser surdo que oraliza ou não, mas de *ser surdo em sua língua e linguagem própria*; nesse caso, ele pode optar por utilizar ou não a língua portuguesa para promover o intercâmbio intercultural[...]” (PERLIN, 2004, p. 72)

Sabe-se que a libras evoluiu no século XIX, devido aos fatos históricos e as marcas deixadas pela LSF8. Segundo Silva (2007), “A referida língua visual possui todos os elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, sendo uma língua viva e autônoma”. Da mesma forma que as línguas orais- auditivas, variando de lugar para lugar, de comunidade para comunidade, a língua de sinais também varia em vários países. Como afirma Fernandes (2003, p. 39), nem as línguas orais-auditivas são universais e cada lugar tem sua particularidade e também ocorrerá com a língua de sinais:

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais das comunidades de indivíduos surdos que as utilizam. Como todas as línguas orais-auditivas, não são universais, isto é, cada comunidade linguística tem a sua. Assim, há uma língua de sinais inglesa, uma americana, uma francesa e várias outras, e vários países, bem como a brasileira. (FERNANDES, 2003, p. 39).

Porém, no século XIX, por volta do ano de 1875, surge a *Iconographia de Signaes – Iconografia de Sinais dos Surdos-mudos*, de Flauzino José da Gama, que era aluno do Instituto do Rio de Janeiro – 1875. Esse dicionário facilitou a comunicação entre os alunos surdos e professores do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Sua reprodução durou por muito tempo e foi um marco para divulgar a língua de sinais do Brasil. Supalla (2008) afirma sobre a liberdade da língua de sinais:

A liberdade de expressar a língua de sinais durou muito, porque foi divulgada a decisão final sobre a língua de sinais na educação escolar que chocou todas as comunidades surdas dos países do mundo. Na história da evolução dos sujeitos surdos mudos do mundo, que foi ignorada durante muitos anos pela sociedade, os surdos eram considerados como inferiores e inaptos por não terem um dos sentidos: a audição (SUPALLA, 2008).

Diante desse pensamento que determinou a realização do capítulo, pois descreveremos as mudanças nos parâmetros da libras, considerando a aproximação e/ou distanciamento da língua de sinais do século XIX ao século XXI. Segundo Campello (2011, p. 03) com os traços discutidos por Brito *apud* (KARNOPP, 1994) para a língua de sinais brasileira, consideram-se necessários 12 traços para a análise da configuração de mãos (CMs): [compacta], [aberta], [côncava], [dual], [indicadores], [radial], [toque], [separada], [cruzada], [dobrada] para se fazer comparações contrastivas de sinais nos desenhos apresentados de 1857, 1875, 1969 e 2002.

Assim, afirma Campello (2011):

Utilizarei o sistema numérico da CM (configuração de mãos) de

Pimenta (2002) para os sinais da língua de sinais brasileira a analisarei todas as mudanças fonético-fonológicas e seus processos. Tal procedimento é adotado na descrição e análise de línguas orais como referência padrão para a análise e descrição linguística. A metodologia bidimensional proposta por Herandorena (*apud* KARNOPP, 1994) desenvolve-se em duas etapas: 1ª etapa: análise contrastiva que vai fornecer o inventário das mudanças fonético fonológicas. Fonologicamente, será importante porque determinará os fones usados com valor contrastivo, para comparar com o alvo da mudança fonético-fonológica; 2ª etapa: análise dos traços distintivos que ocorreram no processo da mudança fonético fonológica diferente do atual, por meio de processos de substituição e de apagamento. Isto implicará uma diferença entre os sinais entre 1857 e 2002. (CAMPELLO, 2011, p. 03)

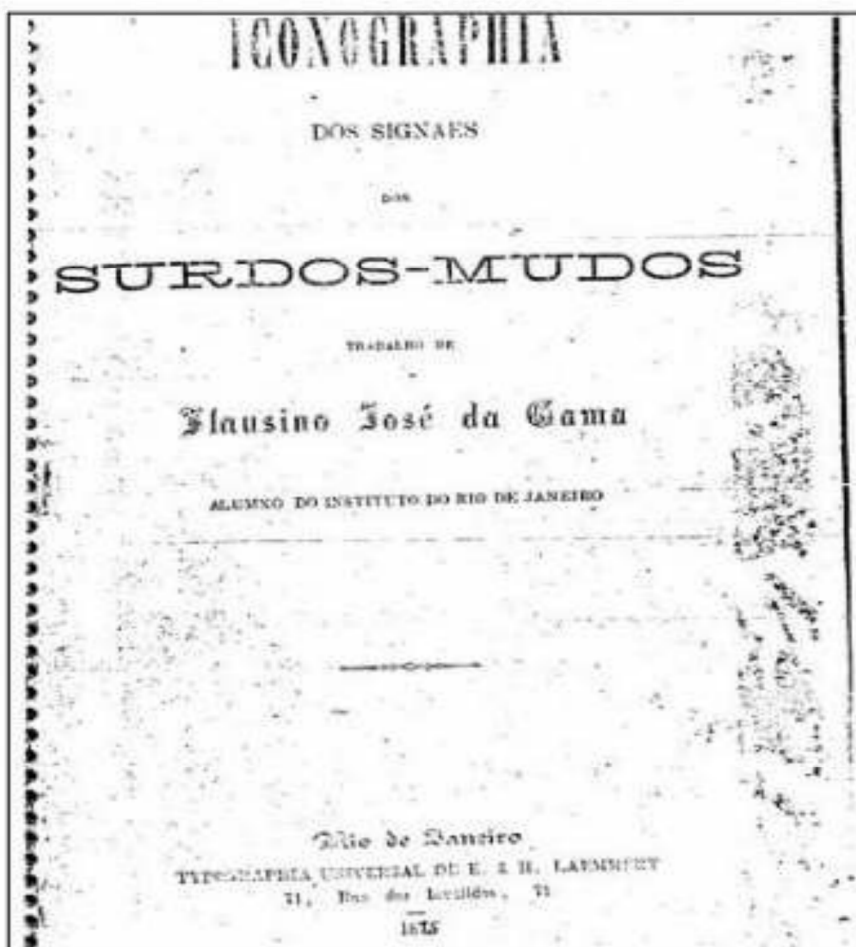
No artigo da referida autora publicada na revista *Mundo & Letras*, fez-se a análise da mudança fonético-fonológica de configuração de mãos, podemos observar o registro da função fonológica e as mudanças na realização fonética de configuração de mãos. Serão verificados os seguintes processos: “substituição de uma configuração de mãos por outra, ampliando o uso de uma determinada configuração de mãos; variação livre entre configurações de mãos contrastivas, dando-lhes o tratamento de alofones; atribuição de valor contrastivo a alofones do sistema padrão¹⁵.” (CAMPELLO, 2011, p. 03).

4.1. Descrição da libras: passado presente

Para realizar a descrição dos sinais abaixo e suas respectivas mudanças, utilizamos o conceito das configurações de mãos disponibilizado pela Secretaria de Educação/MEC. Para a base de nossa pesquisa, a apostila do século XIX: *Iconographia de Signaes*, e para representar o século XXI, o dicionário eletrônico disponível em: <<http://www.acesobrasil.org.br/libras>>. Assim, como Nascimento (2005) afirma:

Esse processo de mudança linguística em meio às condições históricas de seu uso exige que assumamos uma nova concepção de descrição linguística, ou mesmo que a neguemos, uma vez que nessa descrição deve estar incluída a história. (NASCIMENTO, 2005, p. 4b)


Para um melhor esclarecimento seguem as páginas de início das obras consultadas. A primeira refere-se ao dicionário de Flausino José da Gama organizador dicionário de libras no ano de 1875. Já a segunda refere-se à página inicial do *Dicionário Eletrônico da Libras* dos dias atuais:



4.1.1. As descrições: libras século XIX e XXI

a) Figura "HOMEM"

Figura A1:



Nota-se que a imagem não é perfeita, pois os recursos tecnológicos à sua reprodução, na época, diferiam muito dos atuais.

CM: tipo¹² em 67

PA: Testa

M: sem movimento

Figura A2:



Nota-se hoje a precisão da imagem com as novas tendências tecnológicas.

CM: 11

PA: queixo

M: reto para baixo fechando a mão.

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessofonil.org.br/libras/>

A **Figura** exibe a mudança da forma do sinal HOMEM, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar na **figura A1**, temos mão direta e/ou esquerda em (configuração de mãos) tipo em “67”; como Ponto de Articulação (PA) mão fechada na testa e/ou cabeça; Movimento (M) sem movimento. Já na **figura A2**, temos mão direita e/ou esquerda em configuração de mãos - “11”, PA – queixo; M – reto para baixo fechando a mão. Observa-se que, os sinais tiveram um grande distanciamento, mudando totalmente a forma e colocação.

b) Figura "MULHER"

Figura B1



CM: tipo 48

PA: Bochecha

M: sem movimento

2. Mulher

Imagem - Iconographia de Sinaes

Figura B2:

Palavras	Aceção	Video
MULHER	Das humanas do sexo feminino.	
MULHERENDO		
MULTA		
MULTAR		
MULTIDÃO		
MULTIPlicAR		
MUNDO		
MUNICIPIO		
MURAL		

Exemplo

Aquela mulher é bonita. Me apresente para eu conhecer

Exemplo Libras

MULHER ALI BONITA EU CONHECER NÃO.

Classe Gramatical

SUBSTANTIVO

Origem

nacional

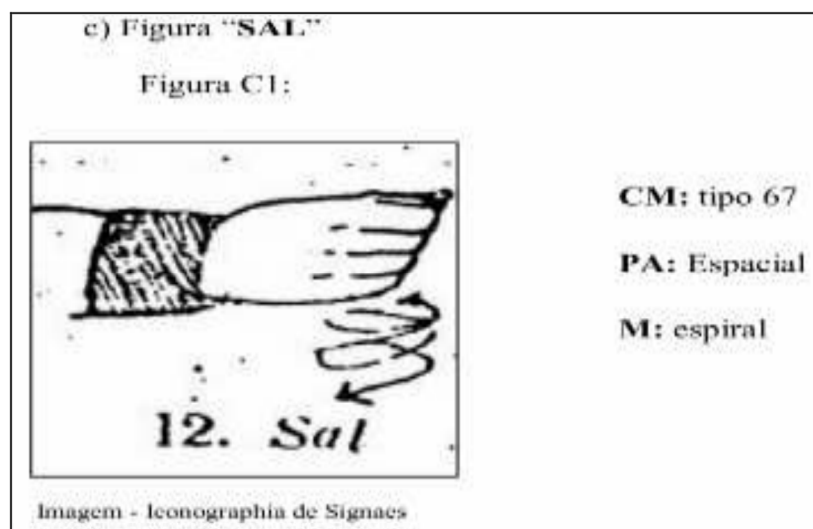
CM: 68

PA: Bochecha

M: reto

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A **Figura** exibe a mudança da forma do sinal MULHER, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar, na **figura B1**, temos mão direita e/ou esquerda em (configuração de mãos) tipo em “48”; como ponto de articulação (PA) bochecha; movimento (M) sem movimento. Já na **figura A2**, temos mão direita e/ou esquerda em configuração de mãos - “48”, PA – Bochecha; M – reto. Observa que, há algumas semelhanças nos sinais, mudam algumas desinências como: a configuração de mão e o movimento.



A **Figura** exibe a mudança da forma do sinal SAL, onde se nota a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar a **figura C1**, temos mão direita e/ou esquerda em (configuração de mãos) tipo em “67”; como Ponto de Articulação (PA) espacial; Movimento (M) espiral. Já na **figura C2**, temos mão direita e/ou esquerda em configuração de mãos – “49 e 39”, PA – Boca; M – ascendente. Observa que, há um distanciamento enorme entre os dois sinais, tanto na forma quanto nos parâmetros.

5. Considerações finais

Portanto, utilizaram-se os princípios da historiografia linguística aplicada a libras segundo (KOERNER, 1996). Fez-se o processo da contextualização histórica da libras, sua estrutura e a descrição da mesma do século XIX ao século XXI, verificando uma aproximação e/ou distanciamento entre as duas épocas. Esta pesquisa com caráter documental explica os estudos descritivos e da mudança nos parâmetros na libras, foi

concluída que a língua brasileira de sinais (libras) passou por um processo de contextualização histórico, assim, como a maioria das línguas que têm sua história e marca. Para maior entendimento do artigo, é necessário que façam uma pesquisa ampla no site da UEMS da dissertação de mestrado, apresentado em 24 de janeiro de 2014, com o título: *Língua de Sinais X Libras: Uma Abordagem da Historiografia Linguística*, de minha autoria, orientada pelo Professor Dr. Miguél Eugenio Almeida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. *Língua de sinais x libras: uma abordagem da historiografia linguística*. 2014. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Disponível em: <www.uems.br/pgletras/arquivos/2_2014-05-23_18-54-27.pdf>.

BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Orgs.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa no século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMPELLO, A. R. Constituição histórica. *Mundo & Letras*, José Bonifácio – SP, vol. 2, 2011.

CABRAL, G. Algumas considerações sobre o ensino do português escrito, como segunda língua para surdos. In: *A discriminação em questão II. Estudos surdos*. Secretaria da Educação. Diretoria de Política e Programas Educacionais. Diretoria Executiva de Educação Especial. – Recife: Secretaria de Educação, 2002, p. 17-22.

DE CLERQ J.; SWIGGERS, P. *L’histoire de la linguistique: L’autre Histoire it L’Histoire d’une Histoire*. Neve Fragüen der Linguistik. Organizado por Elisabeth Felbusch, Reiner Poganele e Cornelia Weiss. Tübingen Verlag, 1991.

FERNANDES, S. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. 2003. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, J. V. Fundamentos teórico-metodológicos da historio-

grafia linguística. In: _____. (Org.). *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

NOGUEIRA, S. M. *Língua portuguesa no Maranhão do século XIX sob o enfoque historiográfico*. 2005. Dissertação (de Mestrado). PUC/SP, São Paulo.

PEREIRA, M. C. da C. (Org.). *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para a educação infantil e ensino fundamental*. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008.

PERLIN, G. T. T. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridades, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul – RS: Edunisc, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, V. L. C. dos. *A opinião de pais ouvintes e filhos surdos*. 2009. TCC apresentado para obter o título de Especialista em Estudos Surdos. Faculdade Santa Helena, Recife.

SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SUPALLA, T. Sign Language Archeology: Integrating Historical Linguistics with Fieldwork on Young Sign Languages. In: QUADROS, R. M. de. (ed.). *Sign Languages: Spinning and unraveling the past, present and future*. Proceedings of the The Ninth International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research. Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008.